

Senhor Bastonário

Caros Colegas

Senhoras e Senhores

1. Agradeço o convite que me fizeram para vir aqui, a esta Ordem dos Advogados, tão prestigiada e a esta sala tão minha conhecida, falar-vos dum tema que considero de extrema gravidade, como é caso do Campo de Concentração de Guantanamo, que se situa, como todos sabem, numa base americana em Cuba.

2. Os sucessivos governos americanos foram sempre defensores arreigados dos Direitos Humanos, desde que, pelo menos, vai fazer agora sessenta anos, em 10 de Dezembro de 2008, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Foi talvez o documento jurídico internacional mais importante dos muitos subscritos no século XX. A que aliás se seguiram, depois, outras Declarações de Direitos, como a Convenção Europeia de Direitos Humanos, as Declarações de Direitos das Mulheres, das Crianças, dos Deficientes, das Minorias, em favor da dignidade do Trabalho, da defesa do Ambiente, etc. E, recentemente, a Carta dos Direitos Humanos, aprovada no contexto do Tratado de Lisboa, com efeito vinculativo para todos os europeus.

3. É certo que os Estados Unidos, durante a guerra-fria, fizeram dos Direitos Humanos uma arma de arremesso contra a União Soviética e as chamadas Democracias Populares de Leste. E, com essa bandeira, conseguiram enfraquecê-las singularmente, com os exemplos, repetidos à saciedade, dos chamados dissidentes, privados desses direitos. O caso do sábio e humanista Andrei Sakharov, a que estive pessoalmente ligado, através das chamadas "Audiências Sakharov", que tiveram lugar em Portugal, e que tive depois a honra de conhecer pessoalmente em Moscovo, foi disso um exemplo paradigmático.

4. É verdade que a política americana tinha "dois pesos e duas medidas" - como tantas vezes disse, denunciando essa situação - condenando os atentados aos Direitos Humanos, quando lhes convinha e ignorando-os, quando se tratava de governos amigos ou aliados. Toda a América Latina tem, dessa regra de comportamento, dolorosas recordações. Bem como o Médio Oriente, África e tantos países da Ásia...

5. Guantanamo, da exclusiva responsabilidade da administração Bush, é incontestavelmente o caso mais nefasto e escandaloso de atentado consciente aos Direitos Humanos, em larga escala. Não tem perdão. Porque surgiu no seguimento da invasão do Iraque - invasão unilateral, sem o aval das Nações Unidas, invocando falsos pretextos, hoje reconhecidamente falsos, que só serviu para arruinar o prestígio e a credibilidade dos Estados Unidos no Mundo, abrindo caminho à crise múltipla em que estamos, globalmente, mergulhados.

6. Guantanamo não foi um caso isolado. As torturas praticadas em diferentes prisões, nomeadamente em Abu Ghraib, com requintes de malvadez e sadismo - exercidas sob o controle militar - provocou revoltas e desarranjos psíquicos nas tropas que nelas participaram e são hoje conhecidas do mundo inteiro.

7. Contudo, prender suspeitos de actividades terroristas, sem provas nem quaisquer julgamento prévio, por tempo indeterminado e trazê-los à força em aviões militares, clandestinamente, fazendo escala em aeroportos europeus e não europeus, frequentemente sem conhecimento das autoridades locais, para os depositar numa base militar americana em Cuba, transformada em campo de concentração - como sucedeu em Guantanamo - só tem paralelo nas atrocidades praticadas pelos nazis na II Grande Guerra Mundial.

8. Ainda se sabe muito pouco do que se passou - e pelos vistos continua a passar - em Guantanamo. Mas nos próximos meses tudo se vai esclarecer, em particular o tipo de conhecimento que foi dado às autoridades dos aeroportos por onde passaram os prisioneiros - e aos respectivos governos - e das cumplicidades que houve.

9. Já há alguns prisioneiros que foram libertos por se provar estarem inocentes e que fizeram depoimentos a contar as condições em que estiveram e as torturas que sobre eles se exerceram, a começar pelos longos meses de prisão que sofreram, sem culpa formada. Mas ainda agora a procissão vai no adro, a sair da Igreja. Com um novo presidente eleito

nos Estados Unidos tudo - espero - se irá esclarecendo aos poucos. O Tribunal Penal Internacional, só se prestigiava se investigasse cuidadosamente o que se passou e levasse os responsáveis a Tribunal, dada a enormidade da infâmia cometida.

10. É certo que a América foi atacada por atentados terroristas, numa escala nunca vista antes, em 11 de Setembro de 2001, que não têm perdão. No entanto, o Mundo inteiro foi solidário com a América e condenou - e condena - o terrorismo. Mas a administração Bush em lugar de ter reagido com inteligência e informação, quis mostrar a sua força militar, sem paralelo, e enganou-se de inimigo. Atacou, com falsos pretextos, o Iraque de Saddam Hossein, lançou-se numa guerra injustificável, que destruiu os precários equilíbrios do Médio Oriente e, no plano interno, suscitou uma histeria persecutória anti-terrorista, criou barreiras discriminatórias entre a sua população de proveniência islâmica ou suspeita de o ser. O Patriot Act e outra legislação de emergência são um bom exemplo do que se não devia fazer. Já diziam os romanos que "o sangue de cristãos foi semente de novos cristãos". A administração Bush agindo unilateralmente, como fez, longe de destruir o terrorismo, fomentou-o. Bin Laden, sete anos após o ataque às Torres Gémeas do Nova Iorque e ao Pentágono em Washington, está bem e recomenda-se. A Al Qaeda criou estruturas em rede que se mostram operativas no norte de África, nos países do Médio Oriente, na Indonésia e em alguns importantes países europeus.

O que, obviamente, representa o fracasso da política seguida por Bush, hoje reconhecida na América - dadas as baixas taxas de confiança

que as sondagens lhe atribuem - e arruinou o prestígio da América no Mundo. Ora isso é muito grave também para a Europa. Não o esqueçamos.

11. O fanatismo religioso desenvolvido na América - de sinal contrário ao fanatismo islâmico - é outro factor de preocupação relativamente à herança de Bush. Não estamos livres que ressurjam as guerras religiosas, as piores de todas as guerras. Porém, a democracia americana parece funcionar - apesar de todos os ataques que contra ela foram dirigidos - o que representa, com as eleições presidenciais à vista, uma esperança fundada numa mudança de paradigma na ordem internacional.

12. Organizações como a Amnistia Internacional, de Defesa dos Direitos Humanos e Associações Jurídicas Nacionais e Internacionais, têm vindo a tornar conhecidos o tipo de torturas e de procedimentos ilegais graves praticados pelos militares americanos sobre os suspeitos de terrorismo presos em Guantanamo, sem julgamento nem culpa formada. Foram criadas Comissões Militares de Juristas para os julgar - numa espécie de "Tribunais Plenários", de má memória, em Portugal - que começam agora a divulgar, por diferentes meios, muita informação sobre as torturas praticadas como o water bording, por exemplo, e como foi feito o transporte dos presos para Guantanamo, com escala em aeroportos do norte de África e de países europeus, entre outros.

O Parlamento Europeu tem-se ocupado dessas matérias, consideradas politicamente espinhosas, chamando a atenção para as

ilegalidades cometidas e para a necessidade de se conhecer a verdade, doa a quem doer. Houve "prisões secretas", em vários países do Mundo, onde permaneceram prisioneiros, provavelmente inocentes, alguns já libertos, antes de chegarem a Guantanamo. A deputada europeia portuguesa, Ana Gomes, entre outros, com grande coragem, tem feito inquéritos, nesse sentido, e pedido explicações que, até hoje, não lhe foram, cabalmente, fornecidas.

Recentemente o Supremo Tribunal Federal Americano pronunciou-se a favor da competência dos Tribunais Americanos para avaliarem dos recursos que lhe forem dirigidos, sobre estas matérias. É um passo importante para vir a assegurar a legalidade em matéria tão controversa e decisiva. Estou esperançado, repito, que a América venha a reconhecer - e a castigar - todos os erros, imoralidades e crimes em que incorreu - neste período negro da sua história. Só assim, de resto, pode recuperar o prestígio perdido em todo o Mundo.

Termino, felicitando a Ordem dos Advogados Portugueses - e o seu ilustre Bastonário, Dr. Marinho Pinto - por esta tão feliz iniciativa, que dignifica a advocacia portuguesa. Para um país como Portugal, com uma tão longa história, lutar pelos Direitos Humanos, com coragem e pertinácia, só aumenta o prestígio de uma Pátria que se libertou da ditadura e do colonialismo e fez uma Revolução, sem efusão de sangue, de grande sucesso, num mundo tão conturbado e injusto como o nosso.

Lisboa, 8 de Julho de 2008